

VOL VI

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL VI

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORIA
ARTEMIS
2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Mauriceia Silva de Paula Vieira Prof. ^a Dr. ^a Patricia Vasconcelos Almeida
Imagem da Capa	Watercolour/shutterstock
Bibliotecária	Janaina Ramos – CRB-8/9166

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P832 Por palavras e gestos: a arte da linguagem VI /
Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira,
Patrícia Vasconcelos Almeida. – Curitiba-PR:
Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-61-3

DOI 10.37572/EdArt_250822613

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva
de Paula (Organizadora). II. Almeida, Patricia
Vasconcelos (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O volume VI do livro *“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”* está organizado em torno de três eixos relevantes para os estudiosos e pesquisadores que desenvolvem trabalhos na área da língua/linguagem e suas interfaces. Na sociedade, a presença de variadas tecnologias contribui para que os textos que circulam em diferentes mídias (impressa, eletrônica e digital) se constituam por intermédio da articulação entre linguagens. Cada vez mais, os textos – orais ou escritos, impressos ou digitais, - são multimodais e multissemióticos, isto é, orquestram em sua constituição sons, vídeos, imagens, escrita, cores etc. Essas mudanças contemporâneas nos textos ampliam e modificam as práticas de leitura e escrita, o que exige não só novas práticas de letramentos para que os sujeitos tenham pleno acesso às informações que circulam e as analisem de forma crítico-reflexiva, mas também, novos olhares para o ensino e para as práticas pedagógicas de formação de leitores no espaço escolar. Para além das tecnologias, mídias, leitura e escrita, a sociedade contemporânea presencia a valorização da diversidade cultural, o embate de vozes e o reconhecimento da diferença e da diversidade. Todas essas questões estão permeadas pela língua/linguagem e refletem uma dinâmica sociocultural. *“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”* reúne uma coletânea de artigos cujas temáticas abordadas fornecem ao leitor um campo vasto e profícuo para o diálogo, além de se constituírem como uma leitura instigante que possibilita a construção de conhecimentos.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

A LINGUAGEM E SUAS CONEXÕES COM AS TECNOLOGIAS E AS COM MÍDIAS

CAPÍTULO 1..... 1

JORNAL POPULAR ACERTA INTERATIVIDADE COM LEITORES PELO WHATSAPP

Beatriz Corrêa Pires Dornelles

Patrícia Pivoto Specht

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226131

CAPÍTULO 2..... 12

IMAGEM EM MOVIMENTO NOS PRIMÓRDIOS DA TELEVISÃO PORTUGUESA ENQUANTO NARRATIVA MUSICAL

João Ricardo Pinto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226132

CAPÍTULO 3..... 22

ESCRITA DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA TRANSTEXTUALIDADE NO CIBERESPAÇO

Márcia de Souza Luz-Freitas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226133

CAPÍTULO 4..... 35

UNA LECTURA SEMIÓTICA DE LA REVISTA ARGENTINA *TÍA VICENTA*

María Lourdes Gasillón

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226134

CAPÍTULO 5..... 49

THE EMBODIED VOICE: AN HOLISTIC PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR THE SINGING STUDIO

Philip Salmon

Susana Caligaris

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226135

CAPÍTULO 6..... 61

DIFERENÇAS COMUNICATIVAS ENTRE HOMENS E MULHERES – REFLEXOS DE GÊNERO NA IMPRENSA PORTUGUESA

Marlene Loureiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226136

A LEITURA EM SUAS DIVERSAS NUANCES

CAPÍTULO 7 84

O CONTO NUMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO CRÍTICA PARA ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Antônio Carlos Soares Martins

Cleunice da Silva Lemos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226137

CAPÍTULO 8.....97

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA UNIPAMPA

Isabel Cristina Ferreira Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226138

CAPÍTULO 9.....107

ENCOBRIMENTOS E (DES)ROSTIFICAÇÕES NOS AUTORRETRATOS DE NINO CAIS

Karine Perez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226139

CAPÍTULO 10..... 115

ESPAÇOS DO EXÍLIO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS E A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Joseane Mendes Ferreira

Cristianne Silva Araújo

Joelma de Araújo Silva Resende

Raimunda Maria dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261310

A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM EM MÚLTIPLOS CONTEXTOS

CAPÍTULO 11.....126

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO DISCURSO DE TOMADA DE POSSE DE JAIR BOLSONARO (2019): AS MARCAS DO CONSERVADORISMO, DO POPULISMO E DO AUTORITARISMO TRADUZIDAS PELA LINGUAGEM

Dayse Alfaia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261311

CAPÍTULO 12 148

EDUCAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE AMAZÔNICA: NARRATIVAS POSSÍVEIS

Maria do Perpétuo Socorro Nóbrega Ribeiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261312

CAPÍTULO 13..... 161

ESTUDIO PRAGMALINGÜÍSTICO SOBRE LA CORTESÍA EN EL HABLA DE LA REGIÓN DEL EJE CAFETERO EN COLOMBIA

Mireya Cisneros Estupiñán

Gladys Yolanda Pasuy Guerrero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261313

CAPÍTULO 14..... 174

(IN) COMPETÊNCIAS DE LINGUAGEM ORAL E PERCEÇÃO AUDITIVA EM CRIANÇAS COM ATRASO DE LINGUAGEM

Márcia Ferreira

Rosa Maria Lima

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261314

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....185

ÍNDICE REMISSIVO 186

CAPÍTULO 11

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO DISCURSO DE TOMADA DE POSSE DE JAIR BOLSONARO (2019): AS MARCAS DO CONSERVADORISMO, DO POPULISMO E DO AUTORITARISMO TRADUZIDAS PELA LINGUAGEM

Data de submissão: 12/07/2022

Data de aceite: 29/07/2022

Dayse Alfaia

Doutoranda em Ciências da Comunicação (Media e Sociedade no Contexto dos Países de Língua Portuguesa) na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)¹
Mestre em Ciências da Linguagem pela FSCH - Universidade Nova de Lisboa
Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

RESUMO: Este trabalho está assente numa análise do discurso de tomada de posse do presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro, da ocasião das eleições de 2018. No âmbito de uma abordagem de revisão bibliográfica com o método da Análise do Discurso (Charaudeau, 2015; Orlandi, 2009) é nosso objetivo aferir a construção do *ethos* do ator político em questão, de modo a verificar como a conquista do poder percorre uma deliberada produção da linguagem com o escopo de seduzir o outro por meio de um “princípio de influência”, tendo em conta a “identidade social” e a “identidade discursiva” que, na verdade, “fusionam-se no *ethos*” (Charaudeau, 2015; 2009). Isso

¹ Trabalho apresentado à disciplina: Comunicação Política e Media no Brasil.

posto, trouxemos para discussão as marcas ideológico-políticas do “conservadorismo” (Chaia, 2018; Almeida, 2009; Nicolau, 2020), do “populismo” (Müller, 2017; Prior, no prelo) e do “autoritarismo” (Bobbio, 1998; Schwarcz, 2019), percebendo como o fenômeno Jair Bolsonaro assume uma forma personalista de lidar com o Estado.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos*. Linguagem. Conservadorismo. Populismo e autoritarismo.

THE CONSTRUCTION OF *ETHOS* IN THE INAUGURATION SPEECH OF JAIR BOLSONARO (2019): THE MARKS OF CONSERVATISM, POPULISM AND AUTHORITARIANISM TRANSLATED BY LANGUAGE

ABSTRACT: This work is based on an analysis of the inauguration speech of Brazilian President Jair Messias Bolsonaro, on the occasion of the 2018 elections. It is our objective to assess the construction of the *ethos* of the political actor in question, in order to verify how the conquest of power involves a deliberate production of language with the aim of seducing the other through a “principle of influence”, taking into account the “social identity” and “discursive identity” which, in fact, “merge in the *ethos*” (Charaudeau, 2015; 2009). That said, we brought to the discussion the ideological-political marks of “conservatism” (Chaia, 2018; Almeida, 2009; Nicolau, 2020), of “populism” (Müller, 2017; Prior, in press) and

of “authoritarianism” (Bobbio, 1998; Schwarcz, 2019), realizing how the phenomenon Jair Bolsonaro assumes a personalistic way of dealing with the State.

KEYWORDS: *Ethos*. Language. Conservatism. Populism and Authoritarianism.

1 INTRODUÇÃO

“Todo governo atual [...] é em parte o governo da palavra e da imagem”

Marc Augé

Os atores políticos, no âmbito da construção verbal – oral ou escrita –, beneficiam-se da linguagem, na tentativa de defenderem suas posições ideológicas, muitas vezes contraditórias, de modo que o “discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras”, através do qual “toda palavra pronunciada (...) deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz” (Charaudeau, 2015), validando a existência da imagem, de um *ethos*, tendo em conta a identidade social e discursiva.

Como forma de comunicação estratégica, a linguagem não está assente apenas na manipulação de argumentos, mas também navega nos mares da construção ideológica e conforme teoriza Patrick Charaudeau, na obra *Discurso Político*, “todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um princípio de alteridade” e também “segundo um princípio de influência, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele” (Charaudeau, 2015, p. 16). Dito isso, será importante fazer referência à “identidade social” e a “identidade discursiva” (Charaudeau, 2009) e com o propósito de analisarmos as estratégias da linguagem de um dado ator político, no âmbito deste trabalho ensaístico, é, precisamente, no sentido de entendermos a construção do *ethos* (Aristóteles, 2005; Charaudeau e Maingueneau, 2012; Charaudeau 2015), no âmbito da comunicação política² imbricada “com as representações discursivas e simbólicas acerca da atividade” dessa figura política (...) que implicam significativas repercussões ou “reações individuais ou coletivas” (Prior, 2018). Para isso, ter-se-á em conta a lógica do *ethos* pela construção das palavras (Charaudeau, 2015) e em outros termos, como o uso da linguagem reflete, num dado discurso político, o caráter do enunciador? Mediante o contexto político que vive o Brasil, atualmente, foi nos inspirada a ideia de entendermos um pouco desse novo fenômeno emergido do espectro da política brasileira – Jair Messias Bolsonaro –. Assim sendo, importa dizer que a conquista do poder, na sociedade moderna, não é aferida por meios condenáveis da força, mas pelo imperioso poder da palavra, da persuasão.

² Conferir uma abordagem mais pormenorizada na obra “*Mediocracia. A Comunicação Política na era da Mediatização*” (Prior, 2021), de maneira que o escopo deste trabalho não percorre uma abordagem sobre o espaço midiático, propriamente.

Contemplar-se-á, portanto, no âmbito deste trabalho, um discurso de Jair Messias Bolsonaro, o primeiro militar eleito Presidente da República do Brasil por voto direto em mais de sete décadas, de maneira que será feita uma análise sobre um discurso de tomada de posse (doravante DTP) proferido em 2019, em virtude da vitória das eleições presidenciais de 2018, e então traremos como evidências algumas marcas relevantes, como breve abordagem teórica, tais como “conservadorismo” e “populismo” (Chaia, 2018; Almeida, 2009; Nicolau, 2020; Müller, 2017; Prior, no prelo), conceitos precisamente atuais, também no espectro da política mundial. O objetivo é refletirmos, através da linguagem escrita, questões relativas ao facto de os cidadãos brasileiros estarem à mercê de uma governação regimentada pela intolerância e “autoritarismo” (Schwarcz, 2020; Bobbio, 1998).

Através do agir comunicativo, o Chefe de Estado também dá enfoque às questões de domínio moral, tendo em conta o espectro evangélico, a fim de “usar estratégias de adesão e de sedução” popular (Charaudeau, 2015, p. 40). O presidente configura uma dominação salvaguardada pela tradição de um domínio de “chefe” de “soberano” de “pai”, pelo que reiteramos o que o sociólogo Max Weber teorizou como “dominação patriarcal” (Weber, 1982, p. 133), e nesse sentido Jair Bolsonaro também realçou em seu discurso o tripé do fascismo: Deus, Pátria e Família, embora não seja nosso objetivo traçar uma abordagem histórica sobre o tema, senão alcançarmos uma breve reflexão sobre essa evidência no âmbito do discurso. Dito isto, daremos importância, à afinidade do presidente com o universo evangélico, um espectro, efetivamente, sensível às questões relativas ao corpo e ao comportamento, tendo em conta o pensamento de Michel Foucault, através dos estudos sobre a *História da Sexualidade* (Foucault, 1994a).

Face ao exposto é nosso objetivo, através de uma proposta de revisão bibliográfica, com o método da Análise do Discurso (Charaudeau, 2015; Orlandi, 2009), abarcarmos a “relação texto e contexto” (Charaudeau e Maingueneau, 2012) de alguns excertos do discurso de tomada de posse do presidente Jair Messias Bolsonaro. Num diálogo com a linguística, a filosofia, a sociologia e a história, pretende-se, num primeiro momento, referir algumas dimensões sobre a linguagem, no âmbito da identidade social e discursiva; num segundo momento, perscrutaremos a concepção de uma das provas de argumentação da Antiguidade Clássica, o *ethos*; num terceiro momento, far-se-á uma breve abordagem sobre o fenómeno Jair Bolsonaro³ e, por fim, no âmbito da análise interpretativa do discurso de tomada de posse, serão delineadas, sem o objetivo de

³ Este é o nome político do Chefe de Estado que percorrerá, eventualmente, no âmbito do trabalho. Vale dizer, desde já, que Jair Bolsonaro, o então Presidente da República do Brasil é capitão da reserva do Exército e atuou como congressista a partir de 1990, sempre conhecido por sua conduta conservadora, com um discurso de ódio e postura de oposição aos direitos LGBTs;

depauperarmos, algumas reflexões que dominam os esforços de investigação teórica de alguns pesquisadores, no arcaboiço da política brasileira, atualmente: o conservadorismo, o autoritarismo e o populismo.

2 A LINGUAGEM NO AGIR COMUNICATIVO – A IDENTIDADE SOCIAL E A IDENTIDADE DISCURSIVA

Referenciarmos a importância dos mecanismos da linguagem no agir comunicativo significa, essencialmente, traduzir a importante evidência do funcionamento da língua, na medida em que é o “registro do discurso” (Charaudeau, 2009, p. 309) que para a linguista, Eni Puccinelli Orlandi, estará ele revestido por uma ideologia configurada pela postura do indivíduo (Orlandi, 2009). Sendo assim, entendemos que o ator político, mormente representado pela sua construção discursiva, beneficia-se da linguagem, por sua vez, revigorada por “conceitos, ideias e sentimentos” (Hall, 2016, p. 18), podendo, ainda, manifestar a construção da identidade⁴ de todo um grupo focal a sofrer influência, o que entendemos como potencial ideológico configurado no discurso político para uma troca social entre dominante e dominado.

Nesse sentido, trazemos para nossa discussão o que Patrick Charaudeau designou “princípio de alteridade” pelo que, “sem a existência do outro não há consciência de si” (Charaudeau, 2015, p. 16) e “é somente ao perceber o outro como diferente, que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária (...) com um “olhar avaliador”, e então “desencadeia-se no sujeito um duplo processo de atração e de rejeição em relação ao outro”, de “juízo” que, uma vez endurecido e generalizado, “transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito” (Charaudeau, 2009, pp. 309-310).

Em virtude desse exposto não poderíamos deixar à parte a concepção de linguagem, segundo o sociólogo Jürgen Habermas, pois é um dos precursores das teorias sobre o agir comunicativo. Nosso estudo está fundamentado numa reflexão sobre um dado discurso político materializado pela linguagem, mas, também, na perspectiva da interação com o outro, pois é através da linguagem que evidenciamos nossa realidade social e vale dizer que o poder comunicativo é orientado por “valores” ou por “interesses” (Habermas, 1997, p. 177). Vimos, portanto, que este trabalho está, também, patenteado na construção da linguagem, enquanto discurso, de modo que importa interpretarmos-lo, justamente porque as palavras e o modo como as usamos permeiam a influência e o poder de dominação política sobre o outro, e por quaisquer abordagens teóricas que permeemos não fugiremos da ambivalência: o influenciador e o influenciado, o dominante e o dominado.

⁴ Patrick Charaudeau traçou uma importante linha teórica sobre a *identidade social* e a *identidade discursiva*, de maneira que o sujeito político é moldado por esta e que “nada seria sem uma identidade social” (Charaudeau, 2009, p. 309);

Como identificarmos a dimensão conservadorismo ou populismo, num dado discurso, por exemplo, se não atestarmos, através da linguagem, o que é dito e como se é dito? Refletiremos, por conseguinte, sobre os factos que levaram Jair Bolsonaro à vitória presidencial, sendo uma abordagem que, ainda, merecerá breves considerações. Então, por que afinal é importante compreendermos a inextricável ligação comunicativa entre a “identidade social” e a “identidade discursiva”? No âmbito do discurso de um dado líder político, por que é importante captarmos a influência ideológica? Então comecemos por sublinhar um aspecto, que mais à frente terá espaço para discussão, no arcaboço do discurso do presidente Jair Bolsonaro: o de ser homem, na concepção do seu *ethos*.

Portanto entendemos que um dado discurso político proferido poderá estar, incisivamente, embalado por crenças e valores erigidos com um fim intencional: o de persuadir ou de seduzir com o uso estratégico da linguagem, afinal é ela um mecanismo de prática social comum a todas as pessoas, não somente no arcaboço político, porque, de alguma forma, todas as pessoas “tentam arguir, sustentar, defender-se ou acusar” construindo as relações de interação socio-comunicativa (Alfaia, 2016, p. 13). Isso posto, para um eficaz entendimento interpretativo do discurso, percorreremos um dos objetivos deste trabalho, que a seguir designa-se como parte integrante das provas de argumentação, trazidas da Antiguidade Clássica, e, desde já, importa referirmos que as “identidades social e discursiva fusionam-se no *ethos*” e, portanto, teremos de levar em consideração “a imagem do sujeito que fala” (Charaudeau, 2015, pp. 115-116).

3 SOBRE O *ETHOS*

Trouxemos para reflexão e discussão, neste ensaio, uma das provas de argumentação da Antiguidade Clássica – o *ethos* – que, como estratégia do discurso político, “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário” (Charaudeau, 2015, p. 113) e então entendemos que a identidade discursiva do enunciador poderá definir sua identidade social em convergência com o espectro do enunciatário⁵ (ou eleitorado), que recebe um dado discurso pela construção de imaginário social e, por esta razão, entendemos que o *ethos* é uma estratégia do discurso político e, portanto, poderá estar relacionado com o papel de cena que o enunciador escolhe e que corresponda ao seu discurso, em particular⁶ e

⁵ Poderíamos assumir os termos locutor/ alocutário, mas escolhemos enunciador/ enunciatário pois cabe melhor para a análise do “texto escrito” envolto por enunciados do discurso de tomada de posse do presidente Jair Bolsonaro proferido em 2019;

⁶ Conferir em Maingueneau, D. (2008). *Gênese dos Discursos*, trad. Sírio Possenti, São Paulo: Parábola Editorial toda a noção de *ethos* discursivo, conforme o gênero do discurso e sobre o “tom” que se apoia na “dupla figura do enunciador, a de um caráter e de uma corporalidade”; Disponível em <https://pt.scribd.com/document/497922412/Maingueneau-Genese-Dos-Discursos>;

nesse sentido, inquirimos: as palavras usadas por Jair Messias Bolsonaro em seu DTP (ainda a ser analisado) traduzem a sua imagem real ou aquela que ele próprio constrói de si? De qualquer forma o enunciador político tem de parecer íntegro, credível e verdadeiro.

A importância de trazer para evidência, neste estudo, as questões relativas ao *ethos* consiste no objetivo de percorrermos o sentido da retórica aristotélica, onde o *ethos* representa as virtudes morais que pressupõem o orador ser digno de credibilidade, por outro lado representa uma dimensão social. No dizer de Aristóteles “persuade-se pelo caráter ou pelo tipo social do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2005 – *Retórica I*: 1355b)⁷. Na verdade, no espectro da construção discursiva, tudo deverá ser genuíno ou fingido, pois, conforme afirma Roland Barthes, “o orador” (não nos descurando do termos que adotamos, enunciador) “deve mostrar seus traços de personalidade ao auditório, pouco importando sua sinceridade para causar boa impressão” (Barthes, 1970, *apud* Charaudeau, 2015, p. 114).

Mas, afinal, que estratégias são operacionalizadas no discurso de Jair Bolsonaro, a fim de (des)construir sua imagem perante o público, no momento do agir comunicativo – a sua posse? Importa entendermos que “o discurso político é por excelência o lugar de um jogo de máscaras (...). Tiramos a máscara e o que encontramos sob ela? Outra máscara, depois outra e depois mais outra” (Charaudeau, 2015, p. 8), de modo que na esfera política parecemos viver em um nicho teatral, tal como na Grécia antiga, quando as máscaras evoluíram de manufaturas de festas ritualísticas a artefactos de artes cénicas. Em outros termos a “ação política é, atualmente, performatizada como uma espécie de arte cénica” por meio da qual os atores atuam como “personagens do *theatrum politicum*” (Prior, 2021, p. 37).

Por conseguinte, no âmbito dessa abordagem, justifica termos assumido a terminologia “ator político”, mas o que deve ser levado em conta, na realidade, sobre o *ethos* é que um dado enunciador poderá produzir uma imagem de si e não de sua pessoa real. Nos estudos da Análise do Discurso, o *ethos* foi reelaborado por Dominique Maingueneau e manifesta-se “no tom, que se relaciona tanto ao escrito, quanto ao falado” (Maingueneau, 2008, p. 100), pelo que será relevante para este trabalho aferir a construção do *ethos* somente no âmbito da linguagem verbal – escrita –, pois embora o escopo da

⁷ Tal como o *logos*, o *ethos* e o *pathos* são parte da trilogia aristotélica como provas de persuasão evidenciadas no discurso. Foi Aristóteles o primeiro teórico a reelaborar esses conceitos da Retórica clássica, de modo que esses estudos sistematizados eram sempre vistos na perspectiva da oralidade com fins persuasivos, mas aplicável não somente ao discurso judicial, como era abordado pelos estudos anteriores, mas também a quaisquer assuntos ou gêneros discursivos. Embora não nos debrucemos na abordagem do *pathos* ou do *logos*, propriamente, sabemos que, assim como o *pathos*, o *ethos* também é pertencente ao “domínio da emoção” (Charaudeau, 2015, p. 113);

persuasão discursiva esteja, também, assente na linguagem não-verbal (gestualidade⁸, aparência, postura), trataremos as palavras ditas, no espectro da escrita, no qual o sentido da construção do *ethos* terá sempre um sentido “coconstruído” trazendo a linguagem como “ato de troca (...) entre o sujeito comunicante (eu) e o sujeito interpretante (tu)” (Charaudeau e Maingueneau, 2012, p. 35). Para nossa abordagem, entendemos isso como “princípio de alteridade” onde o *ethos* faz parte de um arcaboço de valores e crenças, dado o posicionamento de um enunciador, no âmbito de uma troca social.

Refletiremos sobre o discurso de Jair Bolsonaro, então eleito como o 38º presidente da República do Brasil em 2018. O objetivo é trazer evidências da linguagem e percebermos como as categorias lexicais podem traduzir, no âmbito do discurso, marcas de distintos fenômenos que assombram a sociedade brasileira, atualmente, e como o discurso em questão confere ao enunciador “uma forma autoritária e personalista de lidar com o Estado” cujo chefe, “um grande pai (...) é bondoso com os seus aliados, mas severo com os seus oponentes, os quais são entendidos como inimigos” (Schwarcz, 2019, p. 97). Entende-se que quaisquer líderes com essas características revelam um confronto invariável com aqueles que não apoiam suas ideologias. Mas quais caminhos levaram Jair Bolsonaro à vitória nas eleições de 2018? Essa é uma importante questão para ratificarmos, como sublinha o investigador Jairo Nicolau⁹, que a vitória do presidente “é o feito mais impressionante da história das eleições brasileiras” (Nicolau, 2020), um acontecimento, sobremaneira incomum, de modo que, neste trabalho, possamos designá-lo como um fenômeno.

4 O FENÔMENO JAIR BOLSONARO

Antes da abordagem interpretativa do DTP do ator político, em questão, importa referir a razão pela qual um político de extrema-direita, que por sua vez concorreu com um micropartido (PSL) sem expressividade no Congresso Nacional, rejeitou as recomendações dos manuais de campanha eleitoral, não obstante alcançou vitória, nas eleições presidenciais de 2018, no Brasil, que saiu da antiga polarização entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT), também em eleições presidenciais¹⁰. Alguns estudiosos entendem o espectro da política atual da

⁸ Segundo abordagem de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, a gestualidade comunicativa compreende gesto, postura, olhar ou mímica e “chama-se frequentemente cinesia”, de maneira que os primeiros estudos sobre o assunto foram observacionais nos anos 60 (Charaudeau e Maingueneau, 2012, p. 255);

⁹ Cf. Nicolau, J. (2020). O Brasil dobrou à direita. Uma radiografia da eleição de Bolsonaro de 2018, Rio de Janeiro: Editora Schwarcz;

¹⁰ Para entendermos essa mudança da disputa tradicional de partidos de expressividade, no espectro da política brasileira, importa sublinhar que essa dinâmica eleitoral dos dois partidos, PSDB e PT, traduziu uma disputa entre 1994 e 2014. O PSDB venceu duas eleições em primeiro turno com Fernando Henrique Cardoso (1994 e 1998); o PT venceu quatro eleições em segundo turno com Luís Inácio Lula da Silva (2002 e 2006) e Dilma Rousseff (2010 e 2014);

governança de Jair Bolsonaro como sendo a “nova direita” e vale dizer: “um fenômeno complexo e multifacetado” (Santos e Tanscheit, 2019). Portanto, será necessário elencarmos importantes eventos do passado que, paulatinamente, refletiram uma nova conjuntura política, no presente.

Permeemos, por conseguinte, alguns eventos prévios às eleições de 2018, a saber: “a condução de operação de combate à corrupção” – a operação Lava Jato¹¹ – “e a estratégia do PSDB e de MDB de ascensão ao poder através do *impeachment* presidencial de Dilma Rousseff em 2016” (Santos e Tanscheit, 2019, p. 154). Outrossim, pergunta-se: por que é tão importante referirmos o episódio político de repercussão nacional e internacional, que marcou a história política brasileira, como o *impeachment* de Dilma Rousseff? Afinal, também categorizado por alguns investigadores como “O Golpe de 2016”, foi um evento que “permitiu a ruptura da democracia”, mas entendemos que foi uma “dinâmica de quatro fatores: instabilidade do Congresso Nacional; crise econômica; denúncias de corrupção e manifestações populares” (Dias e Segurado, 2018; Prior, 2020).

De certa forma, nessa conjuntura, se fosse possível uma radiografia social, o Brasil trazia as evidências de um povo descontente com a política que configurava significativa descredibilidade, uma autêntica radiografia com dimensões de corrupção e escândalos e, por esta razão, vale dizer que outro aspecto importante no âmbito das eleições de 2018 “foi a decisão do TSE em 31 de agosto que indeferiu a candidatura de Lula, líder em todas as pesquisas de intenção de voto”, mas “substituído pelo seu vice Fernando Haddad” (Santos e Tanscheit, 2019, p. 174).

Portanto, já definimos que alguns eventos foram pertinentes como factos que possibilitaram a vitória de Jair Bolsonaro, filiado a um partido sem expressividade, o “PSL”, mas que “substituiu o PSDB e tornou-se a principal organização de direita na Câmara dos Deputados” (Santos e Tanscheit, 2019, p. 154), configurando uma direita radical ou extrema-direita que assume uma pretensa de uma sociedade homogênea. Haveria alguma força ideológica envolvida? Entende-se que:

Toda a corrupção que acontece no país passa a ser responsabilidade única do PT. Citam-se os casos do mensalão (...) e o caso de corrupção da Petrobras. O PT é colocado como um ladrão, e ladrão não se perdoa (...). Assim, ficou caracterizado o inimigo único para essa massa conservadora homogênea (...). Os conservadores construíram em torno de si esse medo da esquerda, que lhe usurpa para dar aos pobres, que, têm prazeres estranhos e não preservam os mesmos valores que a nossa sociedade preserva (Brugnago e Chaia, 2015, 116).

¹¹ A operação Lava Jato, conforme sublinha o pesquisador Hélder Prior, teve impacto importante em 2014, por meio do qual veio à tona um “esquema de lavagem de dinheiro que utilizava postos de abastecimento de combustível e lava a jato”, de modo que “converteu-se no maior escândalo político da vida pública brasileira” e ratifica-se a evidência do envolvimento de diferentes políticos de diferentes partidos (Prior, no prelo);

Em outros termos, a nossa sociedade deverá preservar a moral e a virtude configurando o verdadeiro povo. Assim, quer fossem os escândalos, quer fosse o próprio *impeachment* de 2016, o pânico se instaurou, no arcaboiço social e político brasileiro, dando lugar a essa direita radical, todavia compreendemos que partidos políticos, tal como o PSL que elegeu Jair Bolsonaro, “carecem de rotinização e têm uma precária estrutura organizativa” a dependerem de “redes altamente personalistas de líderes carismáticos, apoiadores e benfeitores externos” (Santos e Tanscheit, 2019, p. 157).

Recordemos que, no que diz respeito às eleições de 2018, Jair Bolsonaro foi beneficiado pelo uso de redes sociais¹², de maneira que “a campanha” fez uso, “particularmente do *WhatsApp*, numa escala sem precedentes em pleitos anteriores” (Nicolau, 2020). Na verdade, “a plataforma digital *WhatsApp*” favorece um grupo fechado e “uma interatividade mais instantânea, próxima e circunscrita” (Almeida, 2019, p. 190). Portanto, sobre este espectro da comunicação digital (também o *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*), segundo a antropóloga Lilia Schwarcz, estamos, na realidade, diante de um “político populista digital que prega o ódio e a intolerância, acusa a imprensa e os intelectuais, e proclama-se como novo ao dirigir-se sem mediação alguma à população” (Schwarcz, 2019, p. 71).

Para ilustrarmos a constante reação de intolerância e ódio à imprensa brasileira, trazemos, aqui, por palavras do próprio Chefe de Estado, um ato de agressão verbal a uma jornalista da TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo. O episódio ocorreu após a cerimônia de formatura da Escola de Especialistas de Aeronáutica, no interior de São Paulo, quando a jornalista questionou o presidente sobre o fato de ele, numa dada altura, ter sido multado pelo não uso da máscara¹³:

“Olha, eu chego como quiser, onde eu quiser, eu cuido da minha vida (...). Vocês são uma porcaria de imprensa! Cala a boca, vocês são uns canalhas! Vocês fazem um jornalismo canalha que não ajuda em nada. Vocês destroem a família brasileira, destroem a religião brasileira. Vocês não prestam! (...) Você tinha que ter vergonha na cara de prestar um serviço porco que é esse que você faz à Rede Globo”.

¹² Não perscrutaremos a dimensão “redes sociais”, de maneira que poderá o estudo ser escrutinado na obra *O Brasil dobrou à direita*. Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018 cujo autor Jair Nicolau estuda partidos, eleições e sistemas eleitorais e atualmente é pesquisador da Escola de Ciências Sociais (FGV/CPDOC), no Brasil. O investigador levanta a hipótese que o *WhatsApp* teve um papel decisivo, nas eleições de 2018, embora ele não pudesse testar, tendo ele considerado como “onda bolsonarista”;

¹³ Cf. artigo completo no site da ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. ABRAJI (2021). *ABRAJI condena ataque de Bolsonaro à imprensa e a democracia*, Disponível em <https://www.abraji.org.br/noticias/abraji-condena-ataque-de-bolsonaro-a-imprensa-e-a-democracia>;

Na verdade, o fenômeno¹⁴ Jair Bolsonaro pode ser analisado no contexto de uma “*onda conservadora*, a qual articula”, consoante afirma o investigador Ronaldo de Almeida, algumas dimensões sociais: “economicamente liberal, moralmente reguladora, securitariamente punitiva e socialmente intolerante” (Almeida, 2019, pp. 185-186). Nesse sentido, o presidente é o “pai” cujo *ethos* é traduzido pela imagem daquele que veio, deliberadamente, libertar um povo especial das amarras ideológicas, salvá-lo do antigo sistema, do comunismo, da imoralidade (do pecado) e é, portanto, o “chefe que assume a autoridade legítima” (Weber, 1982, p. 133), o salvador da Pátria, uma espécie de Messias¹⁵ – Jair Messias Bolsonaro.

Isso posto, no âmbito, da nossa proposta da Análise do Discurso, contemplando a linguagem, serão evidenciadas, no âmbito do DTP, algumas marcas conceptuais como partes do espectro sociopolítico do Brasil atual, tais como conservadorismo, autoritarismo e populismo. Sem quaisquer pretensões teórico-metodológicas audaciosas, o objetivo é entendermo-las como marcas em evidência, através da linguagem, no arcaboiço do discurso de Jair Bolsonaro que, como Chefe de Estado, reivindica o papel de que “ele e só ele representa o verdadeiro povo” (Müller, 2017, p. 9).

5 O DISCURSO DE TOMADA DE POSSE E AS MARCAS DO CONSERVADORISMO, DO POPULISMO E DO AUTORITARISMO

Sobre a nossa proposta de usar o método da Análise do Discurso, contemplando a linguagem, serão evidenciadas, portanto, na estrutura do discurso de Jair Bolsonaro, algumas marcas de categorização como partes da conjuntura sociopolítica do Brasil atual.

Segundo Dominique Maingueneau, à análise do discurso interessa “apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social” (Maingueneau, 2013) e, por esta via de abordagem, entendemos que o DTP¹⁶ de Jair Bolsonaro é um gênero de discurso específico que contempla um espaço peculiar e que converge a um tipo especial de linguagem, não obstante, o que, de facto, nos interessa é o que vai, também, nas entrelinhas dessa linguagem, intencionalmente, confeccionada. Vejamos um excerto

¹⁴ Uma das definições do léxico “fenômeno”, verificado, no *Dicionário do Português Atual Houaiss*, contempla o seguinte: **5** facto ou acontecimento raro e surpreendente (Houaiss, 2011, p. 1099). Julgamos Jair Bolsonaro um fenômeno, não somente por suas atitudes inesperadas, nada comuns às atitudes que deveriam ser éticas de um Chefe de Estado, mas também pelo episódio de sua vitória presidencial, em 2018;

¹⁵ Perscrutar detalhes sobre o “messianismo”, com base no “mito fundador”, tema tratado pela filósofa Marilena Chauí. Cf. Chauí, M. de S (1994). *Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados*. In: DAGNINO, E. (org.). *Anos 90: Política e Sociedade No Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

¹⁶ O discurso de tomada de posse deve ser devidamente entendido como um discurso programado, num espaço específico (Congresso Nacional) e quando proferido é difundido no espaço midiático, a fim de ser ouvido pelo público. Cf. Veja (2019). Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-dos-dois-primeiros-discursos-do-presidente-jair-bolsonaro/>;

das primeiras palavras do presidente eleito cujo discurso foi proferido em janeiro de 2019, no Congresso Nacional, após os cumprimentos oficiais aos convidados presentes:

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operaram um verdadeiro milagre. Obrigado, meu Deus! Com humildade, volto a esta casa, onde por 28 anos (...) travei embates e acumulei experiências e aprendizados que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer.

Neste excerto, contemplamos o episódio do atentado¹⁷ que sofreu o presidente, pouco antes das eleições presidenciais (“quero agradecer a Deus por estar vivo”), na altura de um ato de campanha em Juiz de Fora, de maneira que foi agredido com um objeto perfurante – uma faca – na região do abdômen, e sobreviveu com cuidados de profissionais da saúde, mas ali, também, esteve apoiado pelo pastor e presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Silas Malafaia¹⁸, que ressaltou em palavras publicadas em redes sociais, juntamente com o próprio Jair Bolsonaro, que “Deus operou um milagre”, e no próprio discurso ele enfatiza uma “voz” de autoridade e de credibilidade – “Deus” – a quem agradece, validando um “*ethos* de virtude” que como “representante do povo” transmite uma imagem de “sinceridade” e de “honestidade pessoal” (Charaudeau, 2015, p. 122). Portanto, Bolsonaro, no momento do seu internamento tem o apoio do espectro evangélico que, com um número significativo, viria a ajudar a elegê-lo em outubro das eleições de 2018.

O enunciador recorda sua vida parlamentar, no Congresso Nacional, onde foi proferido o discurso (“volto a esta casa, onde por 28 anos...”) e importa lembrar a identidade social de Jair Bolsonaro como militar cuja identidade discursiva é bastante contraditória, quando tenta se pronunciar como político virtuoso e, sobretudo, como cristão genuíno (“com humildade...”). Conforme ratifica o pesquisador Jair Nicolau, Bolsonaro, ainda no âmbito da sua vida parlamentar, defende o regime da ditadura militar e é o primeiro político que faz elogio aberto desse período da história brasileira, de modo que o seu presidente preferido é “Emílio Garrastazu Médici e o livro de cabeceira é o das memórias do coronel Brillhante Ustra, condenado pela justiça por sequestro e tortura, durante a ditadura”. O autor ainda evidencia uma atitude misógina de Bolsonaro, que num embate ocorrido na Câmara dos Deputados em 2003, “empurra a deputada Maria do Rosário (PT-RS) e diz a seguinte frase: jamais irei estuprar você, porque você não merece” (Nicolau, 2020).

¹⁷ G1 (2018). Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>

¹⁸ Tweet Silas Malafaia (2018). *Orando por Bolsonaro no hospital*. Disponível em <https://twitter.com/pastormalafaia/status/1038200551245316096>. Vale referir que o pastor Silas Malafaia é o líder evangélico mais influente nas redes sociais brasileiras e como evidencia o investigador Jair Nicolau, ao longo da campanha de Bolsonaro, Malafaia foi um ativo cabo eleitoral e um forte opositor crítico ao PT (Nicolau, 2020).

Outro aspecto importante a ser verificado, no DTP de Jair Bolsonaro, é a sua construção ideológica em torno de uma governação fundamentada na ordem autoritária e sempre na evidência de um grupo de pessoas que por quaisquer opiniões contrárias à sua, são categorizadas de inimigas do patriotismo, do povo legítimo, dos valores, e, por esta razão, deve ser considerada a unificação desse povo. Outrossim, poderíamos citar o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Hugo Chávez, da Venezuela, e como sublinha o politólogo Jan-Werner Müller, “todos os populistas tentarão unir o seu povo – o único povo autêntico – mantendo a confrontação com aqueles” que são categorizados por não fazerem parte da “verdadeira América”, do verdadeiro Brasil, “e assim por diante” (Müller, 2017, p. 11). Segue, abaixo, outros excertos do discurso do presidente eleito:

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. (...) se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos (...). Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas.

O presidente, logo no princípio convoca outras vozes de autoridade (“cada um dos congressistas”), a fim de o apoiarem na libertação do país. A quem Bolsonaro está a se referir? Que força política será essa que desconstrói os valores da Pátria? Afinal, o Chefe de Estado deixa evidente que é preciso libertá-la do “jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica”. Dito isso, importa entendermos que uma das operações discursivas da campanha de Jair Bolsonaro pautou-se na retórica dos conflitos “nós” versus “eles” que exprime a problematização do tripé: povo, elite e *outgroup*, de maneira que não se pode transigir aos valores contrários aos do povo verdadeiro, imaculado. Isso valida a condição de ser populista e, no que toca, a essa eminente “libertação” suscitada pelo presidente, conforme afirma o pesquisador sobre o assunto, Hélder Prior:

O investimento discursivo no eixo moralista da mecânica populista de Bolsonaro, permitiu estabelecer fronteiras entre grupos, os puros e homens de bem, contra inimigos corruptos, bandidos que contaminam a sociedade, ou grupos que causam repulsa, como movimentos feministas, gays e lésbicas, e demais grupos protegidos pelas políticas de reconhecimento das pautas progressistas que visam proteger as minorias ou grupos sociais em situação de desigualdade estrutural. (Prior, no prelo)

Os *out-groups* da condição do tripé do regime populista supramencionado poderá representar todos aqueles que se opõem aos modelos sociopolíticos tradicionais,

a exemplo: os movimentos progressistas de esquerda, os movimentos feministas, o grupo LGBTTQ¹⁹, o Movimento Sem Terra (MST), etc. Assim, reproduzindo as mesmas palavras do presidente: “temos de combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores”. Isso nos faz questionar: um líder político deve governar para o povo ou para um determinado povo? Não estaria o Brasil sob um regime separatista, através do qual as desigualdades sociais caminharão a passos exponenciais? Porque ao que parece o Brasil vive sob o jugo de um regime autoritário, um pensamento corrente da política alemã do séc. XIX, nos moldes do autoritarismo, e como afirma o filósofo político e historiador Norberto Bobbio:

Neste sentido, o pensamento autoritário não se limita a defender uma organização hierárquica da sociedade política, mas faz desta organização o princípio político exclusivo para alcançar a ordem, que considera como bem supremo (Bobbio, 1982, p. 95).

Nessa perspectiva de abordagem parecemos viver sob o domínio das ordens pela dominação patriarcal e personalista que, na visão do sociólogo Max Weber “o tipo daquele que ordena é o “senhor” e os que obedecem são “súditos” (...) e obedece-se à pessoa em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição” fundamentada pelo “sentimento de equidade” (Weber, 1982, p. 131). Assim, quer as opiniões, quer os valores sociais terão de ser homogêneos isentos de um dos pilares da democracia: o pluralismo.

Isso posto, reproduzimos as palavras de Donald Trump citadas na obra *O que é o populismo?* de Jan-Werner Müller: “A única coisa importante é unificação do povo – porque os outros não significam nada” (Müller, 2017, p. 10). Os outros representam, quiçá, a “ralé” que, como sublinha Hannah Arendt, na obra *As origens do totalitarismo*, é “um grupo no qual estão representados resíduos de todas as classes” (Arendt, 2004, p. 139). Isso vai de encontro as próprias palavras de Jair Bolsonaro em seu discurso quando diz: “vamos unificar o povo”, este cuja voz tem autoridade de relevância socialmente constituída, afinal como diz o presidente: “se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos”. Assim conferimos pelo aforisma popular: “a voz do povo é a voz de Deus”, mas que deverá ser ouvida “com esperteza” (Arendt, 2004, p. 138). O presidente ainda reforça o apoio popular que teve, na altura do atentado que sofreu (a facada no abdômen):

Quando os inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade tentaram por fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas (...)

¹⁹ A sigla significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e *Queers* e, atualmente estende-se com outras letras: LGBTQI+; Galileu (2020). *O que significam as letras da sigla LGBTQI+?* Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html>

Portanto, Bolsonaro delega sua responsabilidade de governação ao “povo”, seu fiel representante, validando uma das características do líder populista que “não assume em última instância qualquer responsabilidade política” (Müller, 2017, p. 10) e, desde já, contemplamos que a identidade discursiva do Chefe de Estado brasileiro corrobora uma importante estratégia de dominação política, e, portanto, uma dominação social, onde o povo é seduzido a aceitar uma identidade social homogeneizada. Isso traduz o “fenômeno da desigualdade” e por isso entendemos que “a desigualdade afeta, vigorosamente, os países periféricos e de passado colonial”, não nos esquecendo de que “o Brasil foi formado a partir da linguagem da escravidão” que culminou um “sistema desigual” monopolizando “rendimentos e poder”, nas mãos de poucos – a elite (Schwarcz, 2019, pp. 139-140).

Talvez seja essa a real proposta do governo de Jair Bolsonaro que profere um discurso de oposição à elite, mas o que vemos é um Brasil cada vez mais com um discurso direcionado para ela. Então, estaríamos sob um regime de uma governação paradoxal e, portanto, hipócrita? No discurso, o enunciador diz para “unir o povo”, inobstante não poderá ser representado pela mulher, pois Bolsonaro, em sua vida parlamentar, fez “diversas declarações machistas e misóginas” confirmando grande “rejeição de seu nome junto ao eleitorado feminino”, sendo o único deputado a votar contra a emenda constitucional de 2013 que ampliou os direitos trabalhistas às trabalhadoras domésticas” e, a dada altura, confirmou ter tido uma “fraquejada” pelo fato de “após quatro filhos, ter tido uma filha” (Nicolau, 2020). Outra linguagem controversa é quando diz:

(...) pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política;

Jair Bolsonaro ressalta tantas vezes que combaterá a corrupção, a elite e o antigo sistema, mas, na verdade, como sublinha Jan-Werner Müller, “o que o antigo sistema ou as elites corruptas e imorais supostamente sempre fizeram, acabarão os populistas por também fazer” (Müller, 2017, p. 62). O presidente ressalta a importância de “preparar seus filhos para o mercado de trabalho, e não para a militância política”, quando o que se tem em destaque no Congresso Nacional, atualmente, é a evidência de parentes, até mesmo de filhos que assumiram uma vida profissional focada nessa “militância política” e ainda existem: a Bancada da Bala e a Bancada da Bíblia, onde aquela defende projetos de “combate à corrupção; direito dos militares de se candidatarem a cargos efetivos (...); defesa do *lobby* das indústrias armamentistas (...)”, mas, juntamente com a Bancada da Bíblia, “assumem resistências aos projetos de criminalização da homofobia e da inclusão de discussões de gêneros nas escolas” (Chaia, 2018, p. 26). Aqui evidenciaríamos um

“*ethos* de potência” que é “mais masculino do que feminino” com base em “versões populistas” (Charaudeau, 2015, p. 139).

Quando o presidente ressalta a importância de se “combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores”, sua linguagem é estrategicamente elaborada, a fim de alcançar um fundamento voltado para a moralidade, numa concepção conservadora, na tentativa de abranger toda a sociedade brasileira que deverá estar moldada por um contraponto ao progressismo – o conservadorismo. Isso nos direciona a compreender que a “conduta conservadora é intencional, consciente e reflexiva”, pois a partir do “conservadorismo” surgem “ideias que norteiam a conduta dos indivíduos e dos grupos sociais” (Chaia, 2018, p. 14). Vale lembrar que o presidente “abraçou a pauta dos costumes” tendo em conta a “base parlamentar evangélica, que sempre foi sensível às questões relativas ao corpo e ao comportamento” e em seu DTP evoca o respeito “às religiões”, não obstante dá importante ênfase de valorização à tradição “judaico-cristã”, pelo que nos faz acreditar não ter ele incluído em sua grande chave cristã outras religiões, tais como as “afro-brasileiras e espírita” (Almeida, 2019, p. 205).

Assim, evidenciamos a construção de um “*ethos* de virtude” (Charaudeau, 2015, p. 122), pois nos estudos de Aristóteles, o orador garante sua credibilidade pelas virtudes morais: a prudência, a virtude e a benevolência (Aristóteles, 2005, p. 1378a) e, no caso de Bolsonaro, essa credibilidade é pertinente diante do universo evangélico, afinal é peculiar, nos populistas, essa “reivindicação central de representação moral do povo” (Müller, 2019, p. 59) e, portanto, os outros (outras religiões, outras pessoas de opções sexuais diferentes, índios, negros) ou quaisquer outros que se posicionem, ideologicamente, em oposição, são inimigos da Pátria. Os adversários comprometem os valores legítimos da instituição família e por isso estão fora da dignidade, da decência, da ordem, isso porque “os populistas interpretam a política como um campo de batalha moral” (Prior, no prelo). Lembremo-nos de que, nesse discurso de janeiro de 2019, o presidente reafirmou seu compromisso de construir uma sociedade igualitária (“Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação e sem divisão”), quando, na verdade, há uma denotação, em todo o discurso, de uma linguagem paradoxal.

Tendo em conta os aspectos morais do universo evangélico com grande sensibilidade às questões relativas ao corpo e ao comportamento, Michel Foucault, no volume I da *História da Sexualidade*, traduz que “a imagem do puritanismo imperial” é “exaltada em nossa sexualidade hipócrita, muda e reprimida” (Foucault, 1994 a, p. 3) e é, na realidade, uma forma de dominação política. Sobre as relações de poder entre dominante e dominado, o que intenciona uma governação que se opõe, deliberadamente, até mesmo

às opções sexuais dos cidadãos? Porque se aos corpos dos homossexuais não há reconhecimento de dignidade humana, o que poderemos estar a viver é um “colonialismo insidioso” cuja armadilha, conforme sublinha Boaventura de Sousa Santos, é dar impressão de um regresso, “quando o que regressa nunca deixou de estar” (Santos, 2018).

Para Michel Foucault, as relações de poder do séc. XIX poderiam trazer problemas refletidos para o séc. XX e acrescentamos, também, para o séc. XXI, pois o que parecemos ouvir é a voz de um “Pai-Soberano” que suscita a volta de “toda a antiga ordem do poder”, aquele soberano ao qual lhe cabe o direito e vontade de dominar e reprimir, lembrando que, através da abordagem psicanalítica, Sigmund Freud traçou uma importante oposição “teórica e prática contra o fascismo” (Foucault, 1994 a, p. 152) uma época em que a Igreja e o Estado traziam ideias convergentes à política de controle moral. Dito isto, recordamos o autoritarismo, que vivemos, por exemplo, na Era Vargas (1930-1945), no Brasil, uma época em que o líder “via na Igreja o elemento para garantir o apoio popular e manter-se no poder”, sendo que a Igreja “utilizava um discurso de ordem e obediência em apoio a Vargas” (Ortunes, et al, 2019, p. 197) e a Igreja e o Estado podem andar juntos, a fim de controlarem a sociedade em diferentes áreas. Conforme afirma a antropóloga Lilia Schwarcz: “a história mostra que quanto mais autoritários são os regimes políticos, maiores são as tendências para que se intensifiquem tentativas de controlo das sexualidades, dos corpos e da própria diversidade” (Schwarcz, 2019, p. 224) e, assim, acreditamos que a política do passado reflete na política do presente.

Outro aspecto importante a ser evidenciado no DTP de Bolsonaro é a recorrência ao Positivismo²⁰ que, segundo Vélez- Rodrigues, “encaixou-se no leito das nossas tradições culturais” e na “concepção organicista de sociedade de Augusto Comte (1798-1857) prevalecia uma visão triádica da dinâmica social”, a saber: “O Amor por princípio, a Ordem por base, o Progresso por fim”, formulação que acabou simplificada em: “Ordem e Progresso”, uma consigna que configurou até hoje a bandeira republicana brasileira por influência de um dos membros do governo republicando, no final de séc. XIX (Vélez-Rodrigues et al, 2015, p. 51). Vejamos, portanto, as palavras do Chefe de Estado:

O Pavilhão Nacional nos remete à Ordem e ao Progresso.

Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos

Na verdade, Comte e os positivistas defendiam um Estado uniforme cuja sociedade seria formada pela ciência, que iria capacitar o indivíduo com opiniões uniformes, todavia o mais importante seria configurar a sociedade numa moralização

²⁰ Conferir um estudo mais alargado sobre o Positivismo, no Brasil, em Bosi, A. (2004) O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. In: *Do Positivismo à Desconstrução: ideias francesas na América*. Org. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 17- 47, ISBN 10: 8531407789.

“transformando as mentes e os costumes dos indivíduos” que “devia preceder a qualquer tentativa de organização política” (Vélez- Rodrigues et al, 2015, pp. 53-54). Sendo assim, entendemos que as palavras de Bolsonaro representam uma forma ideológica com base numa corrente filosófica, mas também política, que para um ulterior exercício do poder governamental o povo deverá ser homogêneo e que, para alcançar o “progresso”, terá de manter a “ordem”, traduzindo uma concepção de sociedade governada com base no autoritarismo cuja característica “além da visão da desigualdade entre os homens, é que a ordem ocupa todo o espectro dos valores políticos” (Bobbio, 1998, p. 96).

Já no final do seu discurso, o presidente faz menção a um lema de inspiração fascista: Deus, Pátria e Família, e embora não tenha designado nessa ordem e disposição linguística, lembramos que “toda palavra pronunciada, no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz” (Charaudeau, 2015, p. 8):

Com a bênção de Deus, o apoio da família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos (...) Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!

Por que Bolsonaro evoca, deliberadamente, um ser divino? Marilena Chauí tratou essa questão no contexto do “mito fundador” que dá ênfase ao Brasil inventado como “terra abençoada por Deus”, uma “visão do paraíso”, onde, utopicamente reinaria um “Messias” com um povo escolhido, mas entende-se que para uma nação existe “um governante como rei pela graça de Deus” (Chauí, 2007, p. 58). Comum nos discursos de outros líderes populistas²¹, a tríade: Deus, Pátria e Família baseia-se na história do “integralismo que está intrinsecamente vinculada ao movimento político de influência fascista denominado Ação Integralista Brasileira (AIB)”, fundada por um político conservador, Plínio Salgado, na conjuntura da década de 1932, no Brasil, mas também na altura da ascensão dos regimes autoritários europeus (Santana, 2006, p. 85). O lema – Deus, Pátria e Família –, portanto, diante do que já contemplamos, é uma alusão ao papel da família como base da organização social, indispensável à defesa dos valores e da moral cristã e dos bons costumes, uma proposta de agenda estabelecida pelo presidente, Jair Bolsonaro, em seu discurso, cuja construção do *ethos* está fundamentada, sobretudo, nos moldes de uma gestão política autoritária, de uma conduta conservadora, mas também, populista.

²¹ Conferir propaganda do Chega, partido português liderado por André Ventura. Diário de Notícias (2021). *Ventura adapta lema de Salazar: Deus Pátria, Família e Trabalho*, Disponível em <https://www.dn.pt/politica/ventura-adapta-lema-de-salazar-deus-patria-familia-e-trabalho--14361948.html>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, consideraram-se importantes algumas reflexões sobre o discurso de tomada de posse (DTP) do presidente Jair Bolsonaro cuja gestão política vem sendo estudada por alguns pesquisadores, a fim de trazer à estampa alguns fenômenos que permeiam a vida social do país, atualmente, de modo que trouxemos como evidências: as marcas do conservadorismo, do autoritarismo e do populismo. Não sendo nosso objetivo depauperarmos nessas conceptualizações ao nível teórico-metodológico, tomamos como fundamento de análise, na construção da linguagem do discurso do Chefe de Estado, alguns indicadores – palavras – que apontaram para essas marcas de governação. A construção da linguagem, estrategicamente elaborada, tem como objetivo alcançar e influenciar adeptos a se aliarem aos “cidadãos de bem”, ao “verdadeiro povo” que, na voz dos populistas, é suposto serem unificados.

Para esta proposta, portanto, entendemos trazer ao arcaboiço do estudo, no âmbito de revisão bibliográfica e com o método da Análise do Discurso (Charaudeau, 2015; Maingueneau, 2013), uma abordagem sobre a linguagem revestida por uma ideologia configurada pela postura do indivíduo (Orlandi, 2009), mas também orientado por “valores” ou por interesses” (Habermas, 1997). Um discurso político é configurado pelo uso estratégico da linguagem embalados por crenças e valores intencionais, que não fogem da ambivalência: influenciador e influenciado. Por esta razão o sujeito enunciador constrói a linguagem traduzida por uma identidade social que existe em função da identidade discursiva e que “fusionam-se no *ethos*” (Charaudeau, 2015), uma estratégia do discurso político.

Portanto, levamos em consideração a “imagem do sujeito que fala” construindo um *ethos* ou alguns *ethé* (*ethos* de virtude, *ethos* de potência), como foi o caso do presidente, que admite, invariavelmente, “uma forma autoritária e personalista de lidar com o Estado” como “um grande pai bondoso com seus aliados, mas severo com seus oponentes” (Schwarcz, 2019). Como vimos, na interpretação do discurso, o presidente, em virtude de suas contradições, (des)constrói sua imagem, mas deixa sempre evidente o seu escopo ideológico e político para a governação: que será inimigo de todos aqueles que não fizerem parte do povo por ele escolhido.

Para um eficaz entendimento do DTP do presidente Jair Bolsonaro percorremos, *a priori*, uma breve razão de ser ele um “fenômeno” no âmbito da política brasileira, e por isso permeamos algumas razões possíveis que o levaram à vitória da presidência do Brasil em 2018, pois foi de facto um episódio incomum e considerado pelo pesquisador Jairo Nicolau “o feito mais impressionante da história das eleições brasileiras” (Nicolau,

2010). Não poderíamos deixar à parte alguns eventos que possibilitaram esse feito: “a operação Lava Jato, o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), em 2016 – “o Golpe” – que por sua vez teve como causa “a instabilidade do Congresso Nacional, a crise econômica e manifestações populares”, com outro fator importante: o não indeferir jurídico à candidatura de Lula (PT) em 2014, que, por sua vez, liderava as pesquisas de intenção de voto (Santos e Tanscheit, 2019; Dias e Segurado, 2018; Prior, 2020). Ficou clara uma rejeição ao PT e “criou-se uma narrativa do inimigo do Brasil” (Brugnago e Chaia, 2015) e assim emergiu uma extrema-direita, em virtude de uma nação descrente com a política.

No discurso de tomada de posse foram verificados posicionamentos para a construção de um país formatado pela “ordem” e pelo “progresso”, e para isto um homem cuja postura (identidade social) de militar deixa clara a posição de defensor da Pátria e, por esta razão é preciso libertá-la das “amarras ideológicas”, afinal o país deverá seguir as tradições de “dominação patriarcal” (Weber, 1982). Outrossim é importante “unir o povo” ao qual não deverá estar incluído os “outros” que como vimos não representa a conduta moral de valores e tradições, isso “porque os populistas interpretam a política como um campo de batalha moral”, mas somente eles “são representantes legítimos do povo” puro (Prior, no prelo; Müller, 2019), representado pela tradição da família ideal, que defende os valores e “bons costumes”. Esse modelo de governação deverá se opor à “ideologia de gêneros”, por exemplo, que para o presidente traduz a imoralidade. Segundo Michel Foucault esse é um modelo do “puritanismo imperial” exaltado “em nossa sexualidade hipócrita e reprimida” (Foucault, 1994a), de maneira que entendemos ser uma “conduta conservadora”, por sua vez “intencional, consciente e reflexiva” (Chaia, 2018).

Dito isto validamos o “princípio de alteridade”, pois o presidente Jair Bolsonaro ao perceber o outro como diferente, “desencadeia-se um duplo processo de atração e rejeição em relação ao outro”, promovendo uma ação de “estereótipo e preconceito” (Charaudeau, 2009). Na verdade, o “povo” é, deliberadamente, seduzido a aceitar uma identidade social homogeneizada e por isso levamos em consideração o “fenômeno da desigualdade” e foi importante referir o fato de o Brasil ter sido formado pela “linguagem da escravidão” (Schwarcz, 2019).

Uma vez que foram atestadas, no discurso, marcas de conservadorismo e populismo, atestamos que ambas as condutas políticas refletem o “autoritarismo” (Bobbio, 1998; Schwarcz, 2019), que foi possivelmente verificado, mas também trouxemos para análise o lema de inspiração fascista usado como palavras finais, identificadas no discurso do presidente: Deus, Pátria e Família. O fundamento é patenteado na história da Ação Integralista Brasileira (AIB), influenciada pelos regimes autoritários europeus, mas

que traz para reflexão o que Marilena Chauí tratou por “mito fundador” (Chauí, 2007), reiterando a construção ideológica de um líder conservador e autoritário.

Neste trabalho, trouxemos evidências de três condutas político-ideológicas, no discurso de tomada de posse de Jair Bolsonaro. Uma vez que o presidente traçou, deliberadamente, um discurso antissistema (contra o partido de esquerda), talvez, numa pesquisa mais alargada, possamos contemplar, também em discursos de tomada de posse, a construção do *ethos* de dois atores políticos: um de esquerda e um de extrema-direita, a fim de verificar se ambos evidenciam e em que mediada evidenciam, no âmbito de uma análise qualitativa e quantitativa, as marcas do conservadorismo, do populismo ou do autoritarismo, de modo que todo discurso político é regido por um “sujeito que não cessa de trazer o outro para si”, através, também, de um “princípio de influência” (Charaudeau, 2015) e, portanto, de um exercício de controle social, político e ideológico.

BIBLIOGRAFIA

Alfaia, D. (2016). *Como argumentam os políticos? Estratégias Linguísticas e Discursivas*, Lisboa: Edições Colibri.

Almeida, R. (2019). Bolsonaro Presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira, São Paulo: CEBRAP, v. 38, pp. 185-213, Disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/abstract/?lang=pt>.

Arendt, H. (2004). *As origens do totalitarismo*, trad. Roberto Raposo, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Aristóteles (2005). *Retórica I, II e III*, trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Fharmouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Augé, Marc (1997). *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*, trad. Clarice Meireles e Leneide Duarte, São Paulo: Bertrand Brasil.

Bobbio, N. (1998). *Dicionário de Política*, trad. Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mònaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais e Renzo Dini; Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Brugnago, F. e Chaia, V. (2015). Anova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora: Revista Arte, Mídia e Política* v. 7 nº 21, pp. 99-129, Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032>.

Chaia, V. (2018). O Conservadorismo e a Ascensão da Nova Direita, In *O Golpe de 2016: razões, atores e consequências*, Dias, L. A. e Segurado, R. (orgs), PIPEq/puc-SP e Editora Intermeios, São Paulo, Disponível em https://www.academia.edu/39613052/O_golpe_de_2016_livro.

Chauí, M. (2007). *Brasil. Mito Fundador e Sociedade Autoritária*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, ISBN: 978 858 646 9275.

Chauí, M. (1994). Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, E. (org.). *Anos 90: Política e Sociedade No Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Disponível em www.repositorio.usp.br/item/000873661.

- Charaudeau, P. (2015) *Discurso Político*, trad. Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu, São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, P. e Maingueneau, D. (2012). *Dicionário de Análise do Discurso*, trad. Fabiana Comesu (coord.), São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, D. (2009). Identidade Social e Identidade Discursiva: o fundamento da competência comunicacional, In Pietroluongo, M. (org.) *O trabalho da tradução*, Rio de Janeiro: ContraCapa, pp. 309-326.
- Charaudeau, P. (2007) As emoções no Discurso; In Ida Machado, William Menezes, Emília Mendes (orgs.) *Pathos e Discurso Político*, trad. Emília Mendes; Rio de Janeiro: Lucerda, pp. 240-251.
- Dias, L. A. e Segurado, R. (2018). *O golpe de 2016: razões, atores e consequências*, (org.) São Paulo: Intermeios; PUC-SP-PIPEq, Disponível em https://www.academia.edu/39613052/O_golpe_de_2016_livro.
- Foucault, M. (1994a). *História da Sexualidade – I*, trad. Pedro Tamen, Lisboa: Relógio D'água.
- Habermas, J. (1997). *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*, vol. I e II, trad. Flávio Bueno Siebeneichler, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Disponível em https://gestaoeducacaoespecial.ufes.br/sites/gestaoeducacaoespecial.ufes.br/files/field/anexo/habermas_jurgen_direito_e_democracia_vol_i.pdf
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*, trad. Daniel Miranda e William Oliveira, Rio de Janeiro, PUC-Rio: Apicuri.
- Houaiss, A. (2011). *Dicionário do Português Atual*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Maingueneau, D. (2009). Identidade Social e identidade discursiva: o fundamento da competência comunicacional, In Pietroluongo, M. (org.) *O trabalho da tradução*, Rio de Janeiro: ContraCapa, pp. 309-326, Disponível em www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html.
- Maingueneau, D. (2008). *Gênese dos Discursos*, trad. Sírio Possenti, São Paulo: Parábola Editorial, Disponível em <https://pt.scribd.com/document/497922412/Maingueneau-Genese-Dos-Discursos>.
- Maingueneau, D. (2013). *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez.
- Müller, Jan-Werner (2017). *O que é o populismo?* trad. Miguel Freitas da Costa, Lisboa: Texto.
- Nicolau, J. (2020). *O Brasil dobrou à direita. Uma radiografia de eleição de Bolsonaro*, Rio de Janeiro: Editora Schwarcz.
- Orlandi, E. P. (2015). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, São Paulo: Pontes Editora;
- Ortunes, L.; Martinho, Silvana e Chaia, V. (2019). *Lideranças políticas no Brasil: da Teologia da Libertação ao Neofundamentalismo*, Revista Brasileira de Ciência Política, nº 28, Brasília, pp. 195-232, Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/tG9FtKSQBQBFjgX5J5vSWWh/?format=pdf&lang=pt>.
- Pimenta, E. F. e Gonçalves, L. P. (2021) *Os camisas-verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João Del Rei e o caso de Tancredo Neves*, Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 47, nº 3, Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/39127/27158>.

Prior, H. (2021). *Mediacracia. Comunicação e Política na Era da Mediatização*, Porto: mediaxxi.

Prior, H. (2020). Da Lava Jato ao Impeachment: efeitos de sentido e estratégias visuais nas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Carta Capital*. In: Aline Weschenfelder e Antônio Fausto Neto (orgs.) *Comunicação, Aprendizagens e Sentidos: Difusão, Mediação, Interfaces, Bifurcações*, Campina Grande: Editora Eduepb. pp. 371-402, Disponível em https://www.researchgate.net/publication/353526970_Da_Lava_Jato_ao_Impeachment_efeitos_de_sentido_e_estrategias_visuais_nas_revistas_Veja_IstoE_e_Carta_Capital.

Prior, H. (no prelo). *A ascensão do populismo de extrema direita no Brasil: da Lava Jato ao Bolsonarismo* (?).

Público (2018). *O Colonialismo Insidioso*, Disponível em www.boaventuradesousasantos.pt/media/O%20colonialismo%20insidioso_30Março2018.pdf.

Santana, E. P. (2006). *Camisas-verdes em marcha no solo mineiro*, Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 42, n° 1, pp. 82-95; Disponível em https://siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Camisas_verdes_em_marcha_no_solo_mineiro.PDF

Santos, F. e Tancheit, T. (2019). Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil, Rio de Janeiro: Colombia Internacional, Disponível em <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/10.7440/colombiaint99.2019.06>.

Schwarcz, L. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro. Uma breve história de cinco séculos*, Lisboa: Objectiva.

Vélez-Rodrigues, R. (2015). Ordem e Progresso entre os Positivistas Brasileiros, em *Ordem e Progresso* (org) Araújo, A., Costa, A. M. da, Ventura, A., Leal, E.C., Silva, I. C. da, Pereira, J. E., André, J. G., Carvalho, J. M. de, Cunha, F. N. da & Vélez-Rodrigues, R. (coord.) Leal, E. C., Lisboa: Centro de História.

Weber, Max (1982). Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima, In COHN, Gabriel (org.) *Max Weber - Sociologia*, São Paulo: Ática, pp. 129-141, Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/291528/mod_resource/content/1/Weber%20Os%20três%20tipos%20de%20dominação%20legítima.pdf

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 13, 24, 39, 43, 48, 90, 131, 145, 148, 149, 150, 154, 158, 159

Autoritarismo 42, 126, 128, 129, 135, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 147

C

Ciberespaço 22, 23, 24, 25, 27, 32, 33

Cognition 49

Competências linguísticas 174

Comunicação social 1, 62

Conto 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96

Cortesía verbal 161, 162, 168, 173

Cultura indígena 148, 149, 150, 156, 157, 159

D

Diário Gaúcho 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11

(Des)rostificações 107, 110

E

Educação 23, 62, 84, 85, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 148, 149, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 174, 176, 183

Embodiment 49

Encobrimentos 107, 110

Ensino 23, 84, 85, 87, 89, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 125, 149, 154, 159

Ensino Fundamental 84, 87, 89, 91, 95, 99, 101, 148, 151, 153, 154, 159

Escrita 12, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 87, 88, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 127, 128, 131, 132, 162, 174

Escrita digital 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32

Español 161, 162, 163, 165, 173

Ethos 126, 127, 128, 130, 131, 132, 135, 136, 140, 142, 143, 145

Exílio 115, 117, 124, 125

F

Formação crítica 84, 85, 86, 91

G

Género 27, 35, 37, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 92, 96, 99, 101, 130, 135, 137, 138, 140, 151, 163, 166

I

Imagem televisiva 12

Imagem-texto 35, 38, 40

Imprensa 3, 10, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 25, 26, 61, 76, 82, 134, 145, 160

L

Landrú 35, 36, 37, 40, 43, 45, 48

Leitura 12, 23, 31, 32, 33, 34, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 113, 125, 174

Lídia Jorge 115, 116, 117, 123, 124

Linguagem 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 66, 67, 71, 74, 78, 79, 86, 90, 97, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 110, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 139, 140, 143, 144, 150, 155, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Linguagem oral 174, 175, 176, 177, 182

M

Media 1, 2, 9, 12, 13, 21, 38, 45, 48, 61, 62, 63, 64, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 126, 147

N

Narrativa musical 12

Nino Cais 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114

P

Percepção auditiva 174, 175, 176, 177, 179, 180

Pragmalingüística 161, 172

R

Radiotelevisão Portuguesa 12, 14, 15

T

Teolinda Gersão 115, 116, 117, 122, 124

Tía Vicenta 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48

Transtextualidade 22, 23, 24, 27, 30, 32

V

Voice 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60

W

WhatsApp 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 134